

I AM Y TAMBIÉN SOY: A IDENTIDADE NOSSA DE CADA DIA

Vera Lucia Harabagi Hanna¹

Resumo

Refletimos neste trabalho sobre a problemática da identidade, mobilizadora de estudiosos de diferentes campos das ciências humanas e sociais em busca de sentido a propósito da identidade abrangente, partilhada e vinculada ao tão propagado processo de globalização. Os sentidos de espaço e tempo se encontram de tal forma alterados que trabalhamos com a idéia da desterritorialização das realidades simbólicas tanto no que se refere à hibridização cultural em sentido lato, voltando o olhar para o mundo, quanto em sentido stricto, voltando o olhar para cada um de nós. O documentário *Notebook on cities and clothes* (1989), do cineasta Wim Wenders, com o estilista Yohji Yamamoto, sobre a relação entre o processo criativo, a experiência nas megalópoles e a identidade do sujeito pós-moderno, balizará essas considerações.

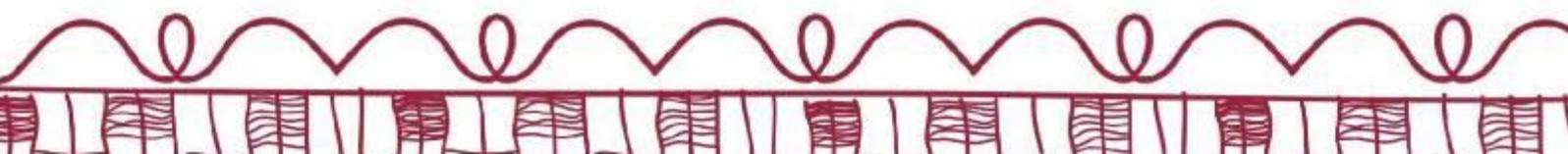
Palavras-chave: cultura, identidade, *Notebook on Cities and Clothes*

“A identidade de uma pessoa, de um lugar, de uma coisa... A palavra identidade me dá calafrios”, assim o cineasta Wim Wenders inicia o documentário *Notebook on cities and clothes*, de 1989, com o estilista Yohji Yamamoto,

*You live wherever you live,
you do whatever work you do,
You talk however you talk,
You eat whatever you eat,
You wear whatever clothes you wear,
you look at whatever images you see....
You´re living however you can
You are whoever you are
“Identity”
Of a person,
Of a thing,
Of a place,
“Identity”
The word itself gives me shivers...²*

¹ Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP. verahanna@uol.com.br

² *Identidade*, de Wim Wenders. Você vive em qualquer lugar que você vive, Você faz qualquer trabalho que você faz, Você fala de qualquer modo que você fala, Você come qualquer coisa que você come, Você veste qualquer coisa que você veste, Você olha quaisquer imagens que você vê..., Você vive da maneira que você pode, Você é, quem quer você seja. Identidade, de uma pessoa, de uma coisa, de um lugar; Identidade, a palavra me dá calafrios....



Ambos meditam sobre a relação entre o processo criativo, a experiência nas megalópoles - ali estão Paris e Tóquio - e a identidade do sujeito pós-moderno. As imagens retratadas são de um mundo globalizado, padronizado, e, ao mesmo tempo, profundamente plural, vivo na percepção de todos nós paulistanos, baianos, parisienses, nova-iorquinos... Reconhecemo-nos em indagações muito semelhantes às deles sobre se somos verdadeiramente cada vez mais iguais, ou se nos sentimos diferentes e ainda distantes da tão temida homogeneização cultural. Afinal, a diferença nos deslumbra a todos. Os diálogos de Wenders e Yamamoto, entremeados de cenas ora numa, ora noutra cidade, falados a maior parte do tempo em uma língua, que não nos causa mais surpresas, não pertencente a nenhum dos dois, mas a todos - o *international* ou *global English* - nos fazem pensar sobre aquilo que somos, de onde viemos e refletir sobre a identidade como 'pertencimento'.

Do mesmo modo que estabelece um sentido de homogeneidade entre os membros de uma mesma comunidade, a noção de identidade apresenta, em contrapartida, um sentido de heterogeneidade em face de diferentes grupos. Wenders, apesar de mais interessado em roupas do que em cidades, mais como um poeta do que um cineasta, discute a respeito do tipo de imagem que criamos de nós mesmos e o sentimento de provisionalidade inerente àqueles que vivem deslocados nas urbes modernas. De maneira ingênua, posicionamo-nos naquelas conversas como se compartilhássemos perguntas e respostas, cada um de nós a considerar nosso entorno, nossas origens, nossos hábitos, nossas opiniões, nossas viagens, nossas roupas e concordássemos que ao mudarmos “de uma cidade para outra, de um país para outro”, entendêssemos, que pudéssemos mudar tudo, como ele alega, “podemos mudar as línguas, os hábitos, as opiniões, as roupas, podemos mudar tudo, nós vivemos nas cidades, as cidades vivem em nós.

*We live in the cities
The cities live in us...
time passes
We move from one city to another,
from one country to another
We can change languages
We change habits
We change opinions*

*We change clothes
We change everything*³

Enfim, somos eternos mutantes.

A identidade, intuímos nas entrelinhas daquele texto introdutório, igualmente vinculada a condições sociais e materiais, distingue-se, na pós-modernidade, por um processo infinito de descontinuidade, de descentramento, de rupturas (internas e externas) e de desraigamentos – enfim, admitimo-nos como indivíduos fragmentados, num eterno cruzamento de fronteiras - geográficas ou metafóricas - que nos faculta esse modo provisório, de eternas trocas, na formação da identidade social e cultural. Parece ser esse, também, o resultado do processo de criação de Yamamoto, como se apreende de seus desfiles – um mosaico de diferenças com harmoniosa unidade, “recentemente aprendi a gostar das fraquezas e defeitos das pessoas cada vez mais [...] Talvez ser humano seja isso [...] Tento expressar algo às pessoas, quero contar algo a certas pessoas”, explica ele em japonês, tendo ao fundo uma multidão circulando, não se sabendo ao certo se em Paris ou Tóquio.

Tema fundamental de discussão entre os pesquisadores da área de Estudos Culturais e objeto de interesse de antropólogos e historiadores sociais, historiógrafos, psicólogos, arquitetos – para citarmos não muitos da Academia – ao lado de escritores, jornalistas, cineastas - neste artigo, em particular, o diretor alemão Wim Wenders, ao partilharem, quase em uníssono, visões otimistas da hibridização cultural, propiciam um diálogo interdisciplinar a respeito de um problema comum – a identidade. Essa visão favorável coincide com uma perspectiva da teoria cultural contemporânea, decorrente dos movimentos demográficos que admitem o contato entre dessemelhantes e justificam a imagem de inconstância - viagem, deslocamento, nomadismo, desraigamento, diásporas – algumas das metáforas correntes.

Devemos ressaltar que as indagações a propósito da construção da identidade deparam-se inevitavelmente com um reencontro com o passado, onde se localizam as marcas das diferenças apreendidas nas relações sociais, culturais, de parentesco. Assim, compreendemos a identidade como a interseção do cotidiano dos indivíduos com as relações político-econômicas em dado momento ou na busca incessante de um passado repleto de significação. Percebemos que, ainda que nos aproximemos com maior intensidade de determinadas posições de identidade e assumamos uma ou algumas

³ “Vivemos nas cidades, as cidade vivem em nós. O tempo passa, mudamos de uma cidade para outra, de um país para outro; podemos mudar de idioma, podemos mudar os hábitos, as opiniões, as roupas, podemos mudar tudo.”

delas, as contradições entre o nível coletivo e o nível individual existem e necessitam ser negociadas nos chamados ‘entre-lugares’. Nossas criações, assim como as do cineasta ao retratar o mundo e as do estilista ao criar modos e moda, refletem a tradição que carregamos a partir não só do que recebemos de nossas famílias de origem, mas do lugar em que vivemos, dos contatos que tivemos e que ampliamos. Yamamoto coleciona fotos de várias épocas espalhadas pelas paredes de seu atelier, livros de fotos em que observa rostos, roupas, carreiras, modos de vida do início do século XX – as pessoas se pareciam com suas profissões ou formação, diferentemente do presente - mostra as fotos de seus antepassados e destaca as imagens de homens e mulheres que o inspiram. Deparar-nos-íamos com um presente e um futuro desprovidos de significação? Ou os três tempos, presente, passado e futuro encontram-se, verdadeiramente, interseccionados?

A discussão sobre a multiplicidade de identidades, em sua complexa articulação de tradição e modernidades em continentes heterogêneos, leva-nos ao entendimento sobre a coexistência de lógicas múltiplas de desenvolvimento. A tentativa de acomodação de ocorrências globalizadoras, com conseqüências de efeito local, é uma constante entre os que avaliam o binarismo tradição/modernidade - progressivamente comprometido, uma vez que, apesar das culturas tradicionais colonizadas permanecerem distintas, elas acabam se tornando pretendentes à modernidade (Hall, 2003).

Ao ponderarmos acerca do conceito de modernidade em contraste com a tradição, é necessário fazê-lo enfatizando a combinação do moderno e do tradicional em ambientes concretos, como os que vivemos no chamado espaço de criação e lançamento de moda e o da criação fílmica. A tradição não pode ser vista como um todo estático, mas sim como um meio de manipular o tempo e o espaço e que sobrepõe quaisquer atividades ou experiências particulares à continuidade do passado, presente e futuro, e estes, em contrapartida, são estruturados por práticas sociais recorrentes (Giddens, 1990).

À pergunta que não quer calar, “*O que significa ser cidadão no mundo de hoje ?*” poderíamos tentar responder, se chegássemos a um entendimento, mesmo que momentâneo, dentre inúmeras respostas e arriscar - é viver continuamente ‘entre’ – entre Paris e Tóquio, entre duas ou mais sociedades, duas culturas, dois países, dois estados, duas cidades, dois bairros... dois amores, como reflete DaMatta (2005), ou melhor, aventuráramos reconhecer que vivemos exatamente em ‘*in-betweenness*’, habitamos espaços híbridos. Espaços esses que nos oferecem terreno para a elaboração de estratégias de auto-suficiência - individual ou grupal - e dão lugar à novas formas

de identidade. É nos interstícios que os valores culturais são negociados ininterruptamente, e, assim, possibilitam um reconhecimento cultural da diferença e permitem a criação de uma ‘cultura internacional’ baseada na articulação do hibridismo cultural (Bhabha).

A não unificação de identidades é um fato que leva as contradições e as discrepâncias entre o nível individual e coletivo a serem obrigatória e recorrentemente negociadas. O Pós-modernismo ao deslegitimar as fontes tradicionais, demonstra um descrédito em relação a significados universalizantes e transcendentais e destaca a fragmentação e descentramento das identidades culturais e sociais (Lyotard, 1984). É quase consenso entre os teóricos dos pós-modernismo, que a ciência perde seu lugar privilegiado como fonte definitiva da verdade - o tempo atual é de pluralidade de conhecimentos em construção, uma nova ordem, uma realidade ambígua, multiforme, em que o individualismo, o hedonismo, o consumismo, a fragmentação do tempo e do espaço são uma constante. Deste modo, a não unificação de identidades é um fato que leva as contradições e as discrepâncias entre o nível individual e coletivo a serem obrigatória e recorrentemente negociadas. Hall (2000) assim define os novos significados que o conceito de identidade vem recebendo:

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (p. 108).

Woodward (2000), ao discorrer sobre a conceitualização de identidade e a fluidez e mutações que envolvem as tensões existentes entre concepções construcionistas e essencialistas, questiona as identidades em suas formas fixas, fluidas e cambiantes em relação ao seu lugar no ‘local’ e no ‘global’. Ela sustenta que,

A globalização produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local [...] A dispersão das pessoas ao redor do globo produz identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por diferentes lugares (p.21-22).

A identidade envolvente, tenta explicar Wenders, não depende de onde você mora, que tipo de trabalho executa, o que fala, o que come, o que veste, como vê o mundo, afinal, justifica ele, você vive como pode viver, você é quem você é. A provocação ali proferida sugere que, discorrer sobre a palavra identidade, além de nos fazer conscientes da persistência da própria personalidade, lembra calma, conforto, satisfação e, ao insistir na pergunta “O que é identidade?”, ele responde que talvez seja

conhecer o lugar a que pertencemos, conhecer nosso valor, saber quem somos. Mesmo assim, insiste, “Como reconhecer a identidade?”

It rings of calm, comfort,
contentedness
What is it, Identity?
To know where you belong?
To know your self worth?
To know who you are?
How do you recognize Identity?”⁴

Arriscamos, constantemente, descobrir quem somos verdadeiramente. No final das contas, ao consumirmos produtos similares ou equivalentes aos de nossos pares de regiões distantes do globo, acompanharmos tendências de moda e de alimentação, passamos, obliquamente, a partilhar uma cultura planetária de música, de arte, de literatura, de tecnologia, de telemática – a comunicação social é a da simultaneidade, influenciadora das relações pessoais, do cotidiano, do trabalho, dos estudos. Logo, ao sermos indagados, “De onde você é?” “De onde você vem?” não seria conveniente que a resposta fosse imediata. Depende, em primeiro lugar, da ocasião. Somos muitas coisas diferentes em contextos diferentes. Convivemos com uma pluralização de identidades – adotadas em momentos distintos, que podem se revelar temporariamente cambiantes, independentemente da coerência de nosso eu – em meio a transformações cada vez mais constantes, céleres e permanentes que se desvirtuam em identidades díspares. Wenders parece categórico ao declarar,

We are creating an image of ourselves,
We are attempting to resemble this image...
Is that what we call Identity?
The accord between the image we have created of ourselves and... ourselves?
Just who is that, “ourselves”?”

“Nós criamos uma imagem de nós mesmos e tentamos nos parecer com essa imagem” para, em seguida, demonstrar certa perturbação, “É isso o que chamamos de identidade? É a reconciliação entre a imagem que criamos de nós mesmos e, nós mesmos? Mas quem seria esse ‘nós mesmos’?”

Ao tentarmos encontrar uma resposta, acabamos por levantar uma nova dúvida: de que maneira a identidade de nós mesmos se coloca na esfera cultural? “Não há cultura humana que não se fundamente em profundas trocas de alma,” atesta o escritor moçambicano Mia Couto (2003), que vê a imagem de nós mesmos a partir de trocas

⁴ “It rings of calm, comfort, contentedness What is it, Identity? To know where you belong? To know your self worth? To know who you are? How do you recognize Identity?”

culturais, como se formassem um mosaico de diferenças que acabam por constituir uma magia, que nasce, segundo ele, da capacidade de *sermos nós, sendo outros*. Ao reconhecermos que as culturas são formadas a partir dos significados que as pessoas constroem e compartilham, aceitamos, além disso, que as culturas contemporâneas no mundo ocidental compõem um contexto de significados existentes e que, ao mesmo tempo, estabelecem uma dinâmica que estimula a produção e disseminação de novos significados. Ao pensarmos em cultura, fronteiras não poderiam ser imaginadas. As linhas que esboçamos, quando abertas, porosas e evanescentes, tornam-se prontas para absorver novos significados e textos, novas práticas e ideologias. Assim sendo, a cultura, ao ser percebida como uma categoria aberta e transitória – um conjunto de significados e práticas disponíveis ao nosso entendimento e investigação -, embora flutuem pelo espaço virtual e pelo espaço possível, passa a ser única, pessoal e, também, de todos nós.

O entendimento sobre o hibridismo cultural nos ajuda a apreender que os movimentos demográficos que supõem o contato entre identidades dessemelhantes, ligados à idéia de circulação, de nomadismo, de identidade móvel, é o que nos faz sentir mundializados. Grupos em movimento – intencionalmente ou não – quando cruzam as fronteiras ou permanecem nas fronteiras, apresentam, inevitavelmente, uma identidade duvidosa, originada pelo contato com culturas diversas que, por sua vez, transformam, desorganizam, desestabilizam a original - *somos nós, sendo outros constantemente* (Hanna, 2006). A cultura mundializada leva nossas raízes a diferentes lugares, e traz outras raízes para perto de nós.

É nessa desordem que passamos a não ser nem isto nem aquilo, mas isto e aquilo ao mesmo tempo (Derrida, 2004). Admitir estarmos em meio a hibridismos culturais implica em portar uma dimensão basculante entre duas realidades, em apresentar uma ambivalência de sentidos: ser um, ser dois, ser três, ser muitos ao mesmo tempo. A cultura mundializada leva nossas raízes a diferentes lugares, e traz outras raízes para perto de nós. O poeta Fernando Pessoa antecipa o conceito de trânsito e de não-permanência do homem pós-moderno, quando escreve, em 1933, afirmando a ausência de um fim no eterno viajar como sonho de passagem.

Viajar ! perder países !
Ser outro constantemente,
Por a alma não ter raízes
De viver de ver somente!
Não pertencer nem a mim!

Ir em frente, ir a seguir
A ausência de ter um fim,
E da ânsia de o conseguir!

Viajar assim é viagem,
Mas faça-o sem ter de meu
Mais que o sonho da passagem,
O resto é só terra e céu.

Desse modo, na dialética de assimilação de novos ingredientes - adquiridos por meio de uma tradição intelectual industrial, urbana e cosmopolita daqueles que fazem parte da era do conhecimento, com direito ao acesso instantâneo às redes de hiperinformação, aos sistemas de comunicação globalmente interligados, à mobilidade geográfica, às trocas profissionais, ao conhecimento de várias línguas - acionam, concomitantemente, contatos com inúmeras informações culturais, em encontros diários que, não só desalojam as identidades existentes, mas promovem um constante moldurar e remoldurar de novas identidades. Ao mesmo tempo, fazem surgir novas articulações entre o global e o local, às vezes de forma tensa, mas que não devemos garantir, sejam destruidoras das identidades nacionais, já que seus vínculos de pertencimento com espaços, eventos, símbolos, histórias pessoais, as identidades culturais são sim, alteradas, mas nunca extinguidas.

A cultura mundializada muda os outros, e muda 'nós' e, assim o fazendo, a idéia que temos dos 'outros' também muda; 'eles' se tornam parecidos conosco, 'nós', nos tornamos parecidos com 'eles': é quando a troca de culturas produz a hibridização e faz com que reavaliemos o entendimento de nossas próprias vidas, ao mesmo tempo em que colocamos em dúvida os estereótipos em relação aos outros. A maneira como temos sido representados e como essa reprodução afeta o modo como podemos conceber nós mesmos pode ser percebida quando a habilidade de *ser eu, sendo outro* torna-se consciente, logo, *I AM y TAMBIÉN SOY*: somos todos, somos um, mudamos constantemente, nossa imagem, acima de tudo, como garante Wenders,

*Everything changes.
And fast.
Images above all,
change faster and faster
Images above all...⁵*

⁵ Tudo muda. E rápido. As imagens, acima de tudo, mudam cada vez mais rápido, as imagens acima de tudo..

Bibliografia

BHABHA, Homi. *O Local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2005.

COUTO, Mia. “*O meu nome é África, in Continente Multicultural*”, Companhia Editora de Pernambuco, Edição N° 34 - Outubro de 2003. disponível em: <http://www.valoronline.com.br/valoreconomico/materia>. 2003.

DAMATTA, Roberto. *Tocquevilleanas – notícias da América: crônicas e observações sobre os Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Rocco. 2005.

DERRIDA, Jacques & ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã ... Diálogo*. Tradução de Andre Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: D.P. & A Editora. 1999.

_____. *Quem precisa de identidade?*. In : Silva, Tomaz (org.), Hall, Stuart. *Identidade e Diferença – a Perspectiva dos Estudos Culturais*. Trad. Tomaz Silva. Petrópolis: Editora Vozes. 2000.

_____. *Da diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte; Editora UFMG, 2003.

HANNA Vera Lúcia Harabagi & BASTOS, Neusa Maria de Oliveira. (2006) *Estudos Culturais: uma visão pluralística de ‘ser outro constantemente’*. Actas do Colóquio Anual da Lusofonia 2006 –Cd-Rom, do IV Colóquio Anual da Lusofonia, Bragança, Portugal. Editor: Colóquios Anuais da Lusofonia.

LYOTARD, Jean-Francois. (1984) *The Postmodern Condition: A Report on Knowledge*, trans. Geoff Bennington and Brian Massumi. Manchester: Manchester University Press

KUJAWLSKI, Gilberto. *A Identidade Nacional e Outros Ensaios. Somos muitos, somos um?* Ribeirão Preto: SP: FUNPEC Editora. 2005.

WENDERS, Wim. Documentário em DVD, *Notebook on cities and clothes*. 1989.

WOOWARD, Kathryn (2000) *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*.